

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – LIÇÃO DE VIDA DE EDUCADORES ALFABETIZADORES DA ZONA RURAL DO LITORAL DO PARANÁ

Ana Maria Martins de Moraes ¹

Daniel Gustavo Fleig ²

Resumo

Um dos objetivos deste artigo foi detectar as dificuldades encontradas pelos educadores da zona rural do litoral do Paraná, que são protagonistas de um trabalho com a alfabetização de jovens e adultos. Essa pesquisa teve a intenção de destacar as histórias de vida desses educadores. Sabemos que se trata de educadores que já trazem experiências de vida, enriquecidos de conhecimentos da sua história, e das suas relações com a sociedade. O papel do educador é sobretudo ser o mediador do conhecimento, motivar e levar os educandos a participar do processo educativo, possibilitar meios para que o próprio educando tenha curiosidade, seja construtor do seu conhecimento. Para isso é necessário um novo olhar para o formato do Programa de Alfabetização de Adultos e que os sujeitos sejam valorizados em sua plenitude, que os governantes possibilitem a Formação de Docentes para os educadores que atuam no campo. O aspecto social da aprendizagem diz respeito aos valores e aspirações coletivas, bem como à dimensão política da educação. A intervenção pedagógica pode ter um amplo alcance, requerendo responsabilidade e

Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo Paranaguá

¹e-mail: anamariamartins_46@hotmail.com

² Educador Orientador, UFPR Litoral.

compromisso por parte dos educadores. Para Paulo Freire educar é um ato político, é um ato de criação e recriação, sendo, portanto, impossível falar em educação neutra. O diálogo aparece como fundamento da construção do sujeito, como mecanismo de compreensão da estrutura social, de conscientização e de transformação.

Palavra chave: aprendizagem, história de vida, educação, adultos, alfabetização.

1. Contexto

Há necessidade de uma educação de qualidade pensada para a comunidade local da educação do campo do litoral do Paraná. Percebe-se que boa parte dessa comunidade esteve à margem do processo educacional por falta de vontade política. Tendo a educação uma dívida histórica para com esses sujeitos, esse artigo enfocará o recomeço da Educação de Jovens e Adultos na Educação do Campo, que passa a acontecer com os programas de alfabetização.

Segundo Vygotsky (2003), a aprendizagem resulta da interação entre as estruturas do pensamento e o contexto social, num processo de construção e reconstrução pela ação do sujeito sobre o objeto a ser conhecido. Para ocorrer a aprendizagem seria necessário o enfrentamento de situações desafiadoras que propiciassem ao aluno chegar a patamares mais elaborados do conhecimento, necessitando da intervenção de outros sujeitos.

Nas cidades, as escolas para jovens e adultos recebem alunos e alunas com traços de vida, origens, idades, vivências profissionais, históricos escolares, ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamento completamente variados. A cada realidade corresponde um tipo de aluno e não poderia ser de outra forma, são pessoas que vivem no mundo adulto do trabalho, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos.

Promover com sucesso a alfabetização dos jovens e adultos e superar o analfabetismo são desafios que o Brasil ainda está distante de equacionar, e constituem temas que os governos e a sociedade devem enfrentar permanentemente.

Encontramo-nos a meio caminho da Década da Alfabetização 2003-2012, proclamada pelas Nações Unidas como um período de esforços concentrados para assegurar a todas as pessoas o direito de desenvolver as habilidades da leitura e da escrita, a fim de usufruir da cultura letrada, fortalecer as identidades

socioculturais, melhorar as condições de vida, promover a participação cidadã e a equidade de gênero, preservar a saúde e o meio ambiente.

Paulo Freire criou uma proposta para a alfabetização de adultos que inspira até os dias de hoje diversos programas de alfabetização e educação popular. Sua compreensão inovadora da problemática educacional brasileira interpretava o analfabetismo como produto de estruturas sociais desiguais e, portanto, como efeito e não como causa da pobreza. Freire propunha que os processos educativos operassem no sentido de transformar a realidade, e a alfabetização era vista como uma ferramenta propícia ao exame crítico e à superação dos problemas que afetavam as pessoas e comunidades. Sua pedagogia fundada nos princípios de liberdade, da compreensão da realidade e da participação, favorecia a conscientização das pessoas sobre as estruturas sociais e os modos de dominação a que estavam submetidos, alinhando-se a projetos políticos emergentes na época.

A perspectiva freireana reconhecia os analfabetos como portadores e produtores da cultura, o que se opunha de maneira contundente às representações de analfabeto até então preponderantes, fortemente marcadas pelo preconceito. A educação teria o papel de libertar os sujeitos de uma consciência ingênua, herança de uma sociedade opressora, agrária e oligárquica, transformando-a em consciência crítica. Sua proposta de alfabetização previa uma etapa preparatória de imersão do educador na realidade na qual iria atuar, destinada à pesquisa sobre a realidade existencial e a linguagem usada pelo grupo para expressá-la, carregada de significados sociais, culturais, políticos e vivenciais.

Em um país em que um em cada dez jovens e adultos vive em condição de analfabetismo absoluto, uma das qualidades necessárias às políticas de alfabetização é a capacidade de resgatar os direitos educativos violados, chegando a um número significativo de pessoas em todo o território. Esse é o primeiro desafio que governos e sociedade buscam afrontar quando institucionalizam políticas de educação de jovens e adultos, ou quando

desencadeiam campanhas da alfabetização, de que há vários exemplos em nossa história.

Ao longo de meia década de existência, o Brasil Alfabetizado sofreu reformulações e aperfeiçoamentos: o período de alfabetização foi ampliado de seis para oito meses; foram previstos repasses financeiros para merenda, transporte, aquisição de livros didáticos e óculos; a prioridade na destinação das verbas foi redirecionada das organizações sociais para as redes públicas de ensino; a avaliação do programa tornou-se sistemática e rotineira; foram desenvolvidos subprogramas destinados a quilombolas e pescadores entre outras medidas.

No estado do Paraná, o programa ganhou a denominação de Paraná Alfabetizado e posição destacada na agenda política do governo estadual, propondo-se a cumprir a meta de alfabetizar todos os 540 mil analfabetos até 2010. Foi implantado em 2004 e alcançou em 2010 as zonas urbanas e rurais de 397 municípios, inclusive ilhas, terras indígenas e de remanescentes de quilombos, acampamentos e assentamentos da reforma agrária. No transcorrer desses sete anos, o Paraná Alfabetizado capacitou seis mil alfabetizadores e cadastrou 450 mil jovens, adultos e idosos analfabetos.

No município de Guaraqueçaba, pelo Censo de 2000 havia, 19,84% de analfabetismo, correspondentes a 1.075 analfabetos, desse total, até o ano de 2010 foram alfabetizados 166 pessoas. No município de Paranaguá em 2000 havia 5,94% de analfabetos correspondentes a 515 analfabetos e foram alfabetizados pelo Programa Paraná Alfabetizado 765 pessoas até o ano de 2010.

A experiência paranaense proporciona aprendizagens, sobretudo no que toca à prioridade atribuída à alfabetização de educação de jovens e adultos na política educacional, expressa no aporte de recursos e na institucionalidade conferida ao programa, bem como nas cuidadosas produções de materiais didáticos, entre eles “**Na Roda da Prosa**”, que contempla as histórias de vida dos educadores do Programa Paraná Alfabetizado do litoral do Paraná.

Paulo Freire (2005, p. 35) diz que “o Brasil foi ‘inventado’ de cima para baixo, autoritariamente. Precisamos reinventá-lo em outros termos”. Mas não é só. Todos sabemos da importância da escrita na escola. Afinal, não começamos a frequentá-la justamente para aprender a ler e a escrever? Mas o que temos lido e escrito nas salas de aula? Essa pergunta cabe não apenas ao educando, mas, principalmente, ao educador porque, afinal, não é possível formar pessoas que gostem de ler e escrever se nós, como educadores, não gostamos.

2. Descrição da Experiência

Ser educador/a hoje no Brasil é antes de tudo, um ato de ‘fé’ na capacidade do ser humano de se transformar. Temos de acreditar nas possibilidades da escola, enquanto organização, ser capaz de superar as imensas limitações que a cercam e a oprimem; nas potencialidades da ação coletiva do professorado e em nossa capacidade de atualizá-las.

Segundo Carrano (2000), ao dialogar como educadores, abre-se a totalidade do processo educativo do qual a escola e seus sujeitos são partes indissociáveis.

O papel do professor é despertar a curiosidade, indagar a realidade, problematizar, ou seja, transformar os obstáculos em dados de reflexão para entender o processo educativo, que, como qualquer faceta do social, está relacionado com seu tempo, sua história e seu espaço.

Um dos objetivos deste trabalho é demonstrar as dificuldades vivenciadas pelos educadores que são os protagonistas do livro “Na Roda da Prosa”, do Programa Paraná Alfabetizado e analisar a formação desses educadores que atuam nas salas de alfabetização, sujeitos que são educadores do litoral do Paraná, pertencentes das localidades de Ilha do Mel, município de Paranaguá e da comunidade quilombola do município de Guaraqueçaba.

Os educadores com credibilidade e uma visão construtiva da vida contribuem muito para que os alunos se sintam motivados a continuar, a querer aprender, a aceitar-se melhor.

O educador do Programa Paraná Alfabetizado é um ser limitado, devido a sua formação, pois na grande maioria, são pessoas detentoras apenas de conhecimento básico do ensino médio, mas sua postura pode contribuir para reforçar que vale a pena aprender, que a vida tem mais aspectos positivos que negativos, que o ser humano está evoluindo, que pode realizar-se cada vez mais. Vejo hoje o educador do programa de alfabetização como um alfabetizador, em que precisa participar de vários cursos de capacitação, que dá o suporte para a utilização de uma metodologia adequada ao ensino de jovens e adultos. O educador é um sinalizador de possibilidades onde ele também está envolvido, onde ele se coloca como um dos exemplos das contradições e da capacidade de superação que todos possuem. O importante, como educadores, é acreditarmos no potencial de aprendizagem pessoal, na capacidade de evoluir, de integrar sempre novas experiências e dimensões do cotidiano, ao mesmo tempo que compreendemos e aceitamos nossos limites, nosso jeito de ser, nossa história pessoal.

Por mais que os manifestos e documentos elaborados pelos educadores tenham o objetivo de fazer da educação de jovens e adultos um fundamento sólido de formação de caráter, haverá sempre hiatos entre as intenções e a realidade vivida por professores e alunos. Isso porque a capacidade de reflexão, o exercício da crítica, a autonomia, a liberdade de escolha e outras qualidades desejáveis não se configuram em aquisições inalienáveis do indivíduo. Pelo contrário, alteram-se de acordo com os contextos relacionais constituídos pelos homens.

Apresentamos aqui alguns trechos do relato de experiência de vida contada pelo educador quilombola Antonio, educador na comunidade rural de quilombolas no município de Guaraqueçaba. História de vida que retrata semelhanças com as histórias de vida dos próprios educandos. A história de vida do educador foi publicada no livro “Na Roda da Prosa”,

Muitas vezes, nós cortávamos um chinelo velho para usar como borracha. O professor dava aula para as quatro séries, com aproximadamente trinta alunos, e quase não existia merenda. Nós morávamos em um lugar de acesso muito difícil. O transporte era feito no lombo do animal ou em via fluvial (canoa). Se fosse canoa, eram

quatro dias, a cavalo, dois dias de viagem. Mesmo assim, nós não desanimávamos. O meu pai dizia: “Filhos, estudem, aproveitem a oportunidade, no meu tempo não tinha escola, foi por isso que não aprendi a ler”, mas os meus dois irmãos, Pedro e Ilton, tiveram muita paciência para ensinar o nosso pai a ler e a escrever. “Mesmo sendo professor leigo, tinha vários cursos de aperfeiçoamento, pois, como é até hoje, o professor precisa estar atualizado. Em 1979, trabalhei com 46 alunos em uma única turma. No início da minha função como professor era muito diferente de hoje, o professor tinha mais autoridade dentro da sala de aula. Os alunos respeitavam mais o professor, porque o professor tinha autonomia, quem podia falar mais alto era o professor. Os alunos iam para sala de aula com vontade de ter aula e de aprender. O aluno fazia mais perguntas ao professor, pois queria tirar todas as dúvidas que tinha. Hoje, os alunos são diferentes dos alunos de antigamente, cada ano que passa os alunos ficam com menos interesse de aprender e menos obedientes. Atualmente, os meus alunos são filhos e netos de meus ex-alunos. O professor, em sala de aula, é mãe, pai, enfermeiro, pastor e conselheiro. O meu pai Maximiro era andarilho, em cada tempo ele estava em um lugar. Nós éramos muito carentes, a nossa casa era de pau-a-pique, coberta de guaricana, a nossa cama era esteira de paina, o cobertor era blusa do pai. Vivíamos sem agasalhos e sem calçados, sofriamos muito frio no inverno.”

Antonio Gonçalves da Silva

Educador de Guaraqueçaba - PR

O alfabetizador encontra inúmeras dificuldades em relação às carências que seus educandos apresentam, como a falta de óculos e falta de merenda escolar por não haver merendeira para prepará-la.

Outro relato de experiência como alfabetizadora é o da educadora Débora, da Ilha do Mel, a qual enfrentava o mar agitado todas as noites ao ter de sair de um lado da ilha para lecionar no outro lado da Ilha. A educadora se deslocava da localidade de Encantadas para a localidade de Nova Brasília. Pelo relato da educadora, a agitação do mar é um dos problemas mais sérios enfrentados por ela no retorno a sua casa, pois a cada final de noite, após ter trabalhado com a alfabetização, a professora utiliza uma embarcação locada como único meio de transporte para retornar a sua casa. Por isso a alfabetizadora relata a importância de se doar e ter amorosidade ao programa de alfabetização, porque as dificuldades encontradas por ela são imensas, até mesmo pela própria geografia da ilha .

“Com 19 anos, resolvi largar a profissão e morar na Ilha do Mel, no litoral paranaense. Em 2006, tomei conhecimento do programa de alfabetização de jovens, adultos e idosos, desenvolvido pela Secretaria de Educação. Fiz minha inscrição como alfabetizadora no Programa Paraná Alfabetizado e fui selecionada. A princípio havia a necessidade de um rendimento no período de inverno, já que, na ilha, a possibilidade de emprego é muito pequena. No entanto, ao participar do curso de formação em Faxinal do Céu, mudei minha visão de mundo ao tomar conhecimento dos depoimentos das pessoas não alfabetizadas, dos documentários de Paulo Freire, e das experiências relatadas por outros participantes, que me levaram a perceber a necessidade de me envolver na alfabetização. Participar do programa mudou minha vida. Hoje fico indignada com as reclamações ou com a falta de compromisso em relação à alfabetização. Trabalhar com a alfabetização é muito mais que receber uma bolsa-auxílio, é preciso ter amorosidade, é preciso ter compromisso e responsabilidade. É preciso conhecer o alfabetizando e tratá-lo com carinho e afetividade, é necessário doar um pouco de si.

Débora Anair Souza da Silva
Educadora da Ilha do Mel – Paranaguá (PR)

3. Considerações

As histórias de vida dos educadores potencializam suas reflexões críticas e suas inserções sociais, proporcionam vivências capazes de aguçar a capacidade investigativa e o compromisso, respeito como seres humanos, respeito às suas ideias, seus posicionamentos, suas leituras de mundo, seus sentimentos.

É preciso conquistar melhores condições para a realização de uma ação educativa mais contínua. Faz-se necessário maior empenho por parte do Estado em oferecer condições para que a proposta não sofra os reveses da descontinuidade. É preciso garantir uma qualificação permanente aos educadores que atuam como alfabetizadores do Programa Paraná Alfabetizado e ampliar o tempo de estudo desses educadores para que se possa avançar na sua escolarização garantindo a qualidade exigida na formação docente.

A formação continuada dos alfabetizadores é importante, uma vez que novas metodologias, novas tecnologias, novos olhares específicos para essa

modalidade de ensino, estão sendo construídos coletivamente para subsidiarem o trabalho pedagógico desenvolvido junto aos educandos.

Para tanto, concluímos que a Educação de Jovens e Adultos só terá um maior desenvolvimento, se houver políticas educacionais no sentido de preparar educadores para tal função, além do empenho político que venha despertar um interesse por tal modalidade. Temos constatado que muitos educadores do Programa Paraná Alfabetizado não possuem formação específica para atuar na docência, ou seja, qualquer pessoa que possui o Ensino Médio pode atuar como alfabetizador. Este é um fator preocupante, uma vez que a LDBEN 9394/96 exige pelo menos a formação de docentes em nível médio para que o sujeito possa exercer a profissão de professor.

Outro fator a destacar é o método utilizado, que deve ser o método utilizado por Paulo Freire, através de temas geradores, onde as histórias de vida dos educandos são o ponto de partida para o processo de alfabetização. Portanto, sugere-se que os governantes capacitem com o curso de formação docente os educadores que não possuem tal formação. Esse fator é fundamental para o desenvolvimento do educador e um estímulo à sua profissão.

É fundamental que o educando possua o mínimo de condições decentes para o processo de alfabetização, pois a ele já está sendo negada a condição de cidadão do mundo, já que não tem o conhecimento das palavras. Para que o educando tenha estímulo para frequentar a sala de aula, é preciso lhe dar boas condições, com uma alimentação adequada, pois são trabalhadores do campo, que lutam pela sobrevivência e precisam ser valorizados pela colaboração que deram ao longo de suas vidas à construção da nação.

Os governantes precisam investir mais na Educação de Jovens e Adultos, no tocante à alfabetização, fazendo com que realmente chegue a eles o que lhes é de direito, o que a eles é direcionado. Sugere-se também que o educador tenha melhores condições de acesso ao local de trabalho, que o

governo possa dar melhores condições de trabalho a esses educadores que tanto sofrem, como consta nos relatos de suas experiências de vida.

O aspecto social da aprendizagem diz respeito aos valores e aspirações coletivas, bem como à dimensão política da educação. A intervenção pedagógica pode ter um amplo alcance, requerendo responsabilidade e compromisso por parte dos educadores. Para Paulo Freire educar é um ato político, é um ato de criação e recriação, sendo, portanto, impossível falar em educação neutra. O diálogo aparece como fundamento da construção do sujeito, como mecanismo de compreensão da estrutura social, de conscientização e de transformação.

A educação é também um ato coletivo e solidário e nunca se dá isoladamente. "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo"(FREIRE, 1987, p. 13) , pois a aprendizagem precisa ser, assim, compreendida em sentido amplo, como parte essencial da vida, e o desinteresse por aprender como eloquente prenúncio da morte. Em tal contexto cultural, a educação de adultos poderia deixar de ser associada ao atraso e à pobreza e passar a ser tomada como indicador do mais alto grau de desenvolvimento econômico e social.

Como diz o poeta Antônio Machado, não existe um caminho pronto e acabado. A novidade está no caminho que alguém descobre e se dispõe a percorrer e aí construir os aprendizados. A escolha do método é uma opção política e epistemológica e o educador não está fora do seu tempo, não deixa sua historicidade de lado. O presente artigo não possui a pretensão da neutralidade e não reconhece uma objetividade desprovida de uma dimensão de subjetividade. A partir das narrativas desses educadores, verificou-se a contribuição dessas práticas no processo formativo do educador e educadora .

Outro aspecto importante a ser abordado é a importância da História de Vida como técnica de pesquisa. Esta é utilizada em diferentes áreas do conhecimento, como: ciências humanas, sociais, psicológicas e médicas, com objetivos e graus de sucesso também diferentes.

Em relação à importância da utilização da história de vida, Marré afirma:

A história de vida terá, possivelmente, outro futuro, e bem mais promissor, se vier a tornar-se parte essencial de um método biográfico cujo objetivo é – a partir da totalidade sintética que é o discurso específico de um indivíduo – reconstruir uma experiência humana vivida em grupo e de tendência universal (MARRE, 1991, p.89).

O processo de conhecer a história de vida desses educadores foi uma confirmação de que se aprende numa relação de alteridade, observando e dialogando, não só com o diferente, mas também com as diferentes e diversificadas realidades do cotidiano. Assim pode-se entender e vivenciar melhor o tempo histórico da Educação, para a construção de novas práticas transformadoras, de um fazer que se refaz a partir da reflexão. A história de vida, como deu para perceber na Trajetória de Vida da educadora Débora Silva e do Educador Antonio Silva, não é somente individual, pessoal e particular, ela está ligada ao todo.

A história de vida se constrói na relação e inter-relação com outras pessoas, com as coisas e com a sociedade. Ou seja, não se encontra isolada da história da humanidade; a pessoa está ligada com o coletivo, com os grupos sociais, está inserida numa determinada cultura e contexto social. Ela apresenta uma ideia de processo, um movimento que envolve os episódios do cotidiano.

Conforme Ulrich, o uso da história de vida na pesquisa requer flexibilidade, sensibilidade, muita capacidade para escuta, alto grau de paciência, numa relação de empatia e de respeito pela história de vida da outra pessoa, principalmente porque essa técnica precisa de um tempo prolongado. Apesar da sensação de inacabamento, que a técnica faz sentir, concentra-se aí a riqueza desse procedimento (ULRICH, 2006, p.119).

A metodologia utilizada foi etnográfica, confrontando construções e contradições, em vista de perceber como a história de vida repercute nos sujeitos, educadores sociais, bem como visualizar onde acontecem os saltos de

qualidade, isto é, quando as realidades são transformadas, pois na medida em que as pessoas se modificam, modificam suas práticas.

A pesquisa ficou permeada de vivências, relatos de experiências, exemplos práticos e problematizações, através dos registros e investigação documental. É uma memória individual e social coletiva. Foi um olhar, ao mesmo tempo, retrospectivo e prospectivo, onde vislumbraram-se alternativas para enfrentar os novos desafios que se apresentam para a Educação.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 12 fevereiro 2011.

_____; BRASIL. Ministério da Educação. Educação de jovens e adultos: uma memória contemporânea (1996-2004). Brasília: UNESCO, MEC, set. 2004. p. 165-185 (Educação para Todos).

CARRANO. Paulo César Rodrigues. **Identidades Juvenis e Escola**. Alfabetização e Cidadania. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB), n. 10, nov. 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KRAMER, Sônia. **Por entre as pedras**: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática, 1993.

MARRE, Jacques Leon. História de vida e método biográfico. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v.3,n.3,p.89-141,jan./jul. 1991.



Na roda de prosa : histórias de educadores e educadoras / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Coordenação de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos. Programa Paraná Alfabetizado. – Curitiba : SEED–PR., 2009. - 192 p. – PARANÁ.

Secretaria de Estado da Educação. Portal Dia-a-dia Educação. **Coordenação de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos**. Disponível em: < www.diaadia.pr.gov.br/dedi/cajai > Acesso em: 14 maio 2009.

OEI. Plan iberoamericano de alfabetización y educación básica de personas jóvenes y adultas, 2007-2015: documento base. Madrid: OEI, 2006. Disponível em: <<http://www.oei.es/alfabetizacion/b/DOCBASE%20PIA.pdf> >.

ULRICH, Claudete Beise. **Recuperando espaços de emancipação na história de vida de ex-alunas de Escola Comunitária Luterana**. 2006, 387 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo-RS, 2006.

UNESCO. Alfabetização para a vida: relatório conciso de monitoramento global de educação para todos, 2006. Brasília: UNESCO, 2006.